

# A PROPOSITO DA GUERRA

Uma carta de Kropotkine — Uma resposta  
— Abdica-se pegando em armas ?

No meado de novembro ultimo, os camaradas suíços deram á publicidade nas columnas do *Réveil* e da *Voix du Peuple*, de Genebra, um manifesto em que definiam a sua attitude ante o conflito belico internacional. Afirmava-se nesse manifesto — com o apoio de uma das guerras (1) na edição francesa de *A Sciencia Moderna e a Anarquia* — que os caracteres da conflagração actual são exclusivamente comerciais.

Algumas semanas depois, Kropotkine dirigiu aos anarquistas suíços, as seguintes explicações:

«Quem quer que leia esse capitulo com um pouco de atenção, compreenderá que a causa da guerra actual está em que, havendo-se convertido a Alemanha em um país de grande produção industrial, enquanto que a sua classe rural permanece muito pobre.» Neste momento — permitam-me a repetição dalgumas linhas — o burguês alemão cobija novas fontes de riqueza em toda a parte: nas planícies da Polonia, nos campos da Hungria, nas mesetas de Africa, e especialmente em volta da linha de Bagdad, nos ricos vales da Asia Menor, que oferecerão aos capitalistas alemães uma população laboriosa exploravel, sob um dos mais belos céos do mundo, e talvez um dia tambem no Egipto». (2)

«Por conseguinte—continuava eu— os homens de negocios coloniais alemães querem conquistar portos de exportação e sobretudo portos militares, no Adriatico Mediterraneo e no Adriatico do Oceano Indico (o golfo persico), bem como sobre a costa africana, na Beira, e mais tarde no Oceano Pacifico. O seu fiel servo, o imperio germanico, está para isso ás suas ordens, com exercitos e couraçados.»

Os factos confirmaram as minhas previsões. Como em 1870, os industriaes e os capitalistas alemães tiveram ás suas ordens não só o Estado com os seus funcionarios, mas todas as camadas sociais, os explorados como os exploradores. Burgueses, capitalistas e operarios, incluindo mais de tres milhões de pretensos socialistas, marcharam, numa unanimidade cega, para a conquista da Belgica e da França e para o morticínio em massa dos aldeãos, que, vendo as suas casas saqueadas, violadas as suas mulheres, transportadas as colheitas para a Alemanha, pegaram em espingardas ou em forçados para se defenderem ou se vingarem. Agora mesmo, trabalhadores e burgueses alemães fazem-se matar, ás dezenas e centenas de milhar, para conquistarem portos—portos de agressão—no mar do Norte.

(1) E' o que está publicado em português com o título—*Os bastidores das guerras* (folheto da Biblioteca de «A Sementeira»).

(2) Podia ter referido aqui as vistas da Alemanha sobre a Champagne e principalmente sobre as colonias francesas, mencionar que os alemães entrariam em França pelo Luxemburgo e pela Belgica (o que já se sabia), e falar sobretudo da ameaça permanente ao desenvolvimento da França, representada pelo campo fortificado de Metz (eu já então tinha escrito um artigo intitulado—*Desmantelai Metz*. Mas os camaradas franceses faziam então uma campanha pela greve geral, esperando converter a esta ideia os trabalhadores alemães, e eu preferi não tratar na imprensa da questão das relações entre a França e a Alemanha, para não atear o fogo. Não obstante, de tudo isso tenho falado largamente aos amigos desde 1905.

«Pois bem, queridos camaradas, a minha opinião é que do mesmo modo que era dever de todo o internacionalista sincero o impedir, em toda a medida das suas forças a conquista de Marrocos pela França, de Trinoli pelos italianos, da Persia pelos russos e inglezes, se deve tambem, e com maior razão, impedir a conquista da Belgica — esse bravo país que tão bem soube defender-se e a da França.

Afirmar que ao camponês e ao operario é indiferente achar-se sob a furla de um governo francês ou alemão, belga ou prussiano, turco ou bulgaro, é um absurdo que nunca eu me permiti dizer aos trabalhadores.

Só quem não viu nunca um país sob o jugo estrangeiro, como a Italia sob os austríacos, a Polonia sob o imperio russo, ou os eslavos sob o dominio turco, é que pode dizer isso. Mas os que se encontram nesse caso deverão, ao menos, informar-se com os que sabem alguma coisa disso por experiencia.

O professor S. H. Church, do Instituto Carnegie, de Pittsburgh (Estados-Unidos) enviou ao professor Schaper de Berlim,—um dos signatarios do já tão celebre e tão triste documento dos 93 intellectuaes alemães—uma carta em resposta ao documento que recebera. Depois de destruir a pseudo-argumentação pro-germanismo do documento, termina dizendo:

A vossa referencia ao militarismo Alemão fez nascer no meu espirito a convicção de que esta guerra começou potencialmente ha vinte e cinco anos, quando o imperador Guilherme II, ao subir ao trono, se declarou Supremo Senhor da guerra e passou a preparar a sua nação para a guerra. Seus proprios filhos foram habituados a, desde a infancia, se considerarem soldados com a perspectiva de um destino de morticínio; e aqui na America apenas conhecemos a sua filha pela fotografia dela com uniforme de coronel. E a maneira de seus filhos toda a infancia do imperio tem sido educada.

.....  
E durante cada dia de cada ano dos vinte e cinco, o Imperador, com seus discursos incendiarios, tem inflamado o ardor do publico para esta guerra potencial. Por outro lado, aqueles que propunham meios sensatos pela paz, tem sido escarnecidos pela sua referencia.

Os proprios professores das vossas universidades tem contribuido para inocular no espirito dos vossos mancebos, a doutrina de que esta guerra era inevitavel. Afastando-se do vosso grande filosofo Kant que no seu imperativo categorico nos ensinou a todos uma nova regra de três, o espirito nacional da Alemanha tem sido alimentado com o materialismo sensual de Nietzsche, com a truculencia sem rebuços do General von Bernhardt, com os perversos sonhos belicos de Treitschke com a fraca moralidade de Von Bulow; e a opinião que podemos ter sobre o vosso imperador, os seus soldados, os seus estadistas e os seus professores, é a de que a Alemanha se considera uma nação á parte do resto do mundo, superior a ele, predestinada a manter a sua superioridade por meio da guerra.

Os vossos chefes militares inculcaram a crença nos corações do vosso povo, de que a bandeira Alemã deve seguir os Alemães nas suas emigrações e daí o facto da necessidade que apregoaes de possuídes colonias. Pois bem, aqui temos como já disse, 8.000.000 de Alemães na America que não precisam da bandeira Alemã para lhes garantir a maxima felicidade. Ha outros

milhares no Canadá, no Brazil, na Argentina e outros pontos em torno do globo, sempre a salvo e felizes sem a bandeira Alemã.

Não é pois absurdo e perverso sustentar a doutrina que d'ora em diante os Alemães devem viver sob a bandeira Alemã onde quer que vão? Não se acha no fundo deste grande crime o sonho desvaireado do Pan-Germanismo?

Afinal aqui está, meu caro Dr. Schaper, como nos achamos escandalizados, envergonhados e indignados por ver que fosse uma nação Christã a culpada desta criminosa guerra.

Depois de se referir ás discussões bizantinas entre camaradas e ao espirito reaccionario de muitos officiaes, um revolucionario escreve da linha de batalha o seguinte, a Jouhaux: (B. S. 4-2-915).

«Esta guerra para nós, deve matar a guerra; é com essa ideia que nós a fazemos. Eis porque se não deseja uma paz ficticia que deixaria em frente uns dos outros, adversarios que apenas se teriam experimentado e que se preparariam durante dez, vinte anos, com novos armamentos, para de novo se lançarem uns contra os outros.

Nós queremos o imperialismo alemão definitivamente esmagado e não o povo alemão, que não deve, apesar da sua cegueira, ser confundido com os seus dirigentes. Eis o que por aqui se diz correntemente:

Os aliados pretendem combater pela democracia (e a Russia?) pela liberdade das nações (e a Russia?) pela destruição de militarismo prussiano, causa da guerra actual e dos armamentos de meio seculo? Pois bem; é preciso que eles vão até ao fim reclamando a volta ao seu país das provincias anexadas á força, que imponham o desarmamento, sem contar as indemnizações devidas em consequencia da sua maneira especial de fazer a guerra. Mas que, principalmente, se livrem de tocar na liberdade que deve ter o povo alemão de se desenvolver pelas suas faculdades proprias. Isso seria um crime contra o direito das nacionalidades pelo qual os aliados pretendem combater. O genio alemão, desembaraçado da luta militarista e imperialista, não será o mesmo que o que deu em resultado a destruição das obras d'arte, das cidades e das aldeias. Destes actos, apenas tornamos responsaveis os senhores da Alemanha, que tudo fizeram para adestrar a sua soldadesca como ela nos appareceu.

Quanto ao movimento operario em França, graças á attitude das organizações na ocasião da mobilisação, graças á vigilância dos militantes que ficaram, graças á coragem dos que lutam, são permitidas as maiores esperanças. A propria guerra pelos seus horrores, contribuirá para que toda a gente dirija os seus esforços para os meios de lhe evitar a volta. A reacção terá trabalhado em vão e o movimento operario continuará mais forte que nunca».

## Os «documentos»

Affiança a *Voz do Operario* que toda a imprensa operaria se refere largamente aos *Documentos politicos*, frisando que eles de forma alguma vieram criar, em redor do movimento operario e socialista, a minima parcela de suspeita. Se assim é, os jornalistas operarios mostram apenas uma coisa: é que tem bom estomago.

*O patriotismo quando pretende dominar no campo da sciencia é um mau companheiro que é preciso expulsar.*

Schopenhauer.

## NOTAS LIGEIRAS

«Tenho dito o bastante para, de todos os lados, me acusarem de tomar a defeza dos politicos e de lhes estar vendido. Posso mostrar o forro das minhas algibeiras. Não recebi dinheiro francês, nem inglês, nem sequer alemão. Melhor ainda—ou peor se quiserem—a minha virtude não foi mesmo posta á prova».—São de Jean Grave estas palavras de amargo desdem. Que nauseabunda escorrença influiu no velho lutador para lh'as fazer passar do cerebro aos bicos da pena

Um jornal noticia que ahi algures, em uma escola primaria feminina do Estado, nas horas de recreio, as pequenitas cantam o *Fado do Cume* e a *Valsa dos Apaches*. E entre surpresa e indignado brada que é necessario pôr cobro a seme hante indignidade. Maneira de reclamar o castigo da directora da escola. Saberá o jornalista que no professorado da Faculdade de Letras ha quem tenha incluído coisas identicas no programa de certa festa de crianças? Nunca ouviu falar na maneira por que na Escola Normal se usa tratar as alunas? A suspensão ou demissão da pobre professora não corrige o mal, que provém da desatenção de uns e da pulhice de outros.

Ha quem suponha os anarquistas portuguezes divididos em duas facções, jurando uma por Kropotkine, enquanto a outra jura por Malatesta, e degladiando-se por isso ambas com furia. E tomando a suposição pela realidade tambem ha quem não occulte as suas apreensões e o seu pesar. E' uma bela prenda a imaginação, mas se se lhe deixa livre o voo, acontece as mais das vezes esta coisa banal: não se sabe ás quantas se anda. Na verdade o que entre eles se passa não é novo senão no aspecto e no motivo: a sua extensão e a sua intensidade são as mesmas de outras baralhas de familia, que os teem contundido.

Ainda se a *querela* lhes fosse trazida por estranhos, como no caso do anarquismo reformista ou aliança revolucionaria!...

Qualquer.

## «O Reivindicador»

Brevemente deve sair no Porto, com este titulo, um quinzenario operario de critica social, dedicado aos officiaes de barbeiro portuguezes. A correspondencia póde ser dirigida a Americo da Graça, rua dos Bragas, 35.

## Outra vez

Está mais que demonstrado que os assaltos que nestes ultimos dias se teem feito ás padarias e outros estabelecimentos comerciais, são instigados por certos e bem conhecidos formigas.

Assim o escreve um jornal; assim o dizem muitos.

... Como o outro com os sem trabalho?

Que complicado animal que é o homem! Tem necessidade de edificar a sua moral sobre um Deus hipotético, objecto da fé e não da sua vista, em vez de o fazer para com seu semelhante immediato, tangível e multiplo!

\*. \*. \*